

Capítulo 4

O CRUZAMENTO VOCABULAR NA FORMAÇÃO DE NOMES DE BATISMO

Vitória Benfica da Silva

Carlos Alexandre Gonçalves

Introdução

Neste capítulo, investigamos formações que combinam dois antropônimos para a formação de um terceiro, como o nome do cartunista brasileiro Ziraldo, mistura do nome da mãe, Zizinha, com o do pai, Geraldo. (OBATA, 1986) Como esse, existem diversos outros dados que, em grande parte dos casos, pretende homenagear progenitores com seus nomes de batismo.

O presente trabalho consiste em um recorte da análise feita por Silva (2019), dissertação de mestrado que estuda palavras originadas pela mescla de duas palavras sendo, pelo menos uma, um antropônimo. De acordo com a pesquisa realizada, esses dados são formados por um processo intitulado cruzamento vocabular, definido pela “junção de palavras já existentes na língua” (GONÇALVES, 2006, p. 221), como o exemplo de *chocotone*, combinação de *chocolate* com *panetone*.

Pretendemos, neste trabalho, (a) fazer um breve levantamento de como trabalhos anteriores descrevem as formações aqui estudadas; (b) apresentar, de maneira concisa, processos morfológicos relacionados ao nosso objeto de estudo; (c) analisar como os dados são formados; e (d) investigar quais padrões são mais constantemente usados na formação de nomes de batismo mesclados. Sendo assim, faremos a seguir uma revisão bibliográfica sobre quais estudos da antroponímia do Português

Brasileiro (PB) abordam o tema para, em seguida, abordar os fenômenos acrosemia (MONTEIRO, 1987) e cruzamento vocabular. (GONÇALVES, 2003) Depois, será feita a análise dos dados levando em conta o processo de formação do *corpus* de Silva (2019) e, em seguida, serão pontuadas as considerações finais.

Pequena observação sobre antropônimos mesclados do Português Brasileiro: o que dizem os estudos antroponímicos

Do grego *anthropos*, “homem” e *ónoma*, “nome” (CUNHA, 2010), a antroponímia é a parte da onomástica que estuda nomes de pessoas, antropônimos. Esse campo de estudo é bastante diverso, integrando diferentes itens, como prenomes, sobrenomes, hipocorísticos, apelidos, entre outros. Tomando como base a classificação proposta por Amaral (2011), delimitamos como nosso foco o prenome, que nada mais é do que o nome precede o sobrenome, ou seja, é o primeiro nome de uma pessoa, também identificado como nome de batismo.

Além de ser uma vasta área de estudo a ser explorada, a antroponímia do PB torna-se ainda mais instigante pela sua inquestionável originalidade, diferente de outras culturas mais restritas quanto a atribuição de nome de batismo – como Portugal, onde existem leis que regulam a nomeação. No Brasil, não há limitações rígidas nesse sentido, conferindo à população maior liberdade na escolha de antropônimos, o que gera casos bastante inovadores, como os descritos na matéria “Os nomes mais raros (e exclusivos) do Brasil” (PINHONI, 2013), a exemplo de Acislan, Eudizon, Guidox, Jandiciaria, Magereno e Vandermilsen. Nomes como esses são bastante incomuns, podendo causar uma reação cômica ou de estranheza, além de despertar a curiosidade por saber quais são suas motivações, origens e como são formados. Embora muitos questionamentos possam surgir, nosso objetivo é refletir sobre como alguns desses prenomes são formados. Sobre o tema, Soledade (2012, p. 323) introduz uma interessante indagação: é possível identificar “padrões estruturais para os nomes personativos? Ou estes em nada se relacionam com o sistema da

língua? [...] E, ainda, se os antropônimos fazem parte do sistema lexical, os processos de formação de palavras atuam sobre eles de forma significativa?”.

Diante de uma revisão bibliográfica sobre o tema, encontramos o trabalho de Obata (1986) que apresenta os nomes que combinam antropônimos para formar antropônimos complexos:

- (01) Claudionor (Cláudio e Leonor)
- Jomar (João ou José e Maria)
- Erlice (Ernesto e Alice)
- Aguimar (Aguinaldo e Maria)
- Edigênio (Edite e Eugênio)
- Mariel (Maria e Ariel)
- Marielza (Mariel e Elza)
- Gusmira (Gustavo e Almira)
- Vanderci (Vanderlei e Cilene)

Em sua obra, a autora faz uma apresentação de antropônimos do PB, citando nomes usuais e inusitados, enfatiza a criatividade desses últimos e revela suas possíveis motivações. Sobre os dados em (02), a seguir, a autora explica que “grande parte dos nomes excêntricos são provenientes de combinações de dois nomes, principalmente do pai e da mãe” (OBATA, 1986, p. 8) sem, contudo, levar em consideração possíveis processos morfológicos que geraram essas formações.

Monteiro (1987), por sua vez, descreve alguns processos que formam antropônimos. Usando como base os processos formadores de palavras comuns do português, o autor apresenta sete processos: derivação imprópria, sufixação, composição, braquissemia, acrossemia, anagrama e estrangeirismo. Entre eles, identificamos um relacionado ao nosso objeto de estudo, exemplificado a seguir:

- (02) Fredericindo (Frederico e Gumercindo)
- Jomar (José e Maria)
- Erlice (Ernesto e Alice)

Edeluz (espírito de Luz)
Claudionor (Cláudio e Leonor)
Silvanir (Sílvio e Nair)
Aguimar (Aguinaldo e Maria)
Prodamor (produto do amor)
Angerico (Ângela e Eurico)
Martônio (Maria e Antônio)
Edigênio (Edite e Eugênio)

Os nomes em (02) são descritos por Monteiro (1987, p. 185) como resultado da *acrossemia*, que é brevemente descrita como “formação de prenomes mediante a combinação de sílabas, quase sempre extraídas dos nomes dos pais”, não havendo mais explicações sobre o processo.

Mais recente, temos o trabalho de Simões Neto e Rodrigues (2017) que realiza um mapeamento de estudos sobre a neologia e os processos chamados de *genolexicais* em antropônimos do PB. Com base no trabalho de Monteiro (1987, p. 125), os autores citam a *acrossemia*, mas explicando que “esse processo morfofonológico caracteriza os chamados cruzamentos vocabulares”. Como exemplo, acrescentam o caso interessante das filhas do cantor e compositor Martinho da Vila e Anália Mendonça. A primeira foi batizada como Analimar, mistura do nome da mãe com o do pai, e a segunda, mais famosa, Mart’nália, possui as mesmas bases, mas na ordem inversa.

Como se pode ver, não há uma grande quantidade de trabalhos que se referem aos prenomes originados por meio da mescla de dois antropônimos. Os poucos encontrados focalizam a motivação, geralmente relacionada à homenagem aos pais, mas não desenvolvem com aprofundamento a questão estrutural das formações. Na tentativa de contribuir para essa descrição, na próxima seção descreveremos diferentes processos morfológicos que usam mais de uma base para a formação de um novo vocábulo. Todos esses processos têm em comum o fato de serem não concatenativos.¹

1 Grosso modo, “processos concatenativos (ou aglutinativos) consistem no encadeamento de formas e estão diretamente associados à adição; os não concatenativos, por outro lado, são caracterizados por modificação morfofonológica nas bases e nem sempre pressupõem

Breve revisão sobre alguns processos morfológicos não concatenativos

Nesta seção, vamos apresentar os processos que identificamos ter, em maior escala, associação mais direta com nosso objeto de estudo, antropônimos produzidos pela mistura de outros já existentes na língua. Pela menção na revisão bibliográfica, apresentaremos a seguir a acrossemia e, por levar em conta mais de uma base para a formação do produto, o cruzamento vocabular será descrito logo em seguida.

Entendemos que a acrossemia constitui tipo especial de siglagem. Segundo Abreu (2004), uma sigla é uma combinação das iniciais de um nome composto ou de uma expressão. Pode ser de dois tipos: (i) alfabetismo, em que os produtos são pronunciados letra por letra, como em uma soletração, a exemplo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ou (ii) acrônimo, siglas cuja combinação de letras possibilita pronunciar a nova forma como palavra comum na língua, a exemplo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pelos exemplos fornecidos por Monteiro (1987), os dados em (01) constituiriam casos de acrônimos, pois todos são produzidos como palavras comuns da língua, incorporando todas as características da palavra prosódica, nunca pronunciados letra a letra. O que parece diferenciar esses dados de casos como Pontifícia Universidade Católica (PUC), Organização Não Governamental (ONG) e Código de Endereçamento Postal (CEP), também acrônimos, é o fato de se valerem de sílabas – não necessariamente de letras.

Sandmann (1989) descreve todos os encurtamentos sob a rubrica genérica de abreviação. Desse modo, acrônimos são abreviações que ele denomina do tipo Centro Acadêmico de Letras (CAL) e alfabetismos abreviações do tipo Obrigações do Tesouro Nacional (OTN). Além desses casos, cita os tipos mistos, afirmando que “há muitas abreviações que não

acréscimos”. (GONÇALVES, 2016, p. 36) Nos aglutinativos, uma forma pré-especificada (palavra ou afixo) remete a algum tipo de significado e é adjungida ou à esquerda ou à direita de outra. Nos não concatenativos, ao contrário, “a própria base sofre modificações fonológicas de natureza variada, não havendo, em consequência, estrito encadeamento de elementos morfológicos: o resultado da operação dificilmente implica uma divisão da palavra em unidades discretas de forma e significado”. (GONÇALVES, 2016, p. 37)

são representantes genuínos dos tipos anteriormente aqui apresentados, senão exemplos de mais de um tipo simultaneamente”. (SANDMANN, 1989, p. 55). Os exemplos dados pelo autor são reunidos em (03), a seguir:

- (03) Departamento de Letras Modernas (DELEM)
 - Centro Acadêmico de Artes (CAARTE)
 - Centro Acadêmico de Filosofia (CAFIL)
 - Banco do Estado do Paraná (BANESTADO)
 - Fundação de Desenvolvimento Educacional do Paraná (FUNDEPAR)

Até onde se conhece, os trabalhos de maior envergadura sobre a siglagem em português são Abreu (2004, 2006, 2009) e Lima (2014). Nenhum desses, no entanto, abordou com mais vagar dados como em (03). Lima, por exemplo, concentrou-se em siglas de até cinco letras, pois seu objetivo era avaliar se os produtos eram acrônimos ou alfabetismos. O que unifica os dados em (03) é o fato de aproveitarem número diferente de sílabas – algumas não completas – no produto. Por exemplo, DELEM faz uso da primeira sílaba das duas palavras iniciais e apenas da nasal de *Modernas*. São muitos os nomes de órgãos governamentais que seguem essa tendência:

- (04) Departamento de Trânsito (DETRAN)
 - Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN)
 - Sistema de Seleção Unificada (SISU)
 - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA)
 - Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN)

Outro domínio comum desse “processo” de formação é/foi a nomeação de bancos estaduais – alguns já extintos –, conforme (05a) e privados (05b), além de entidades oficiais e/ou de grande relevância nacional (05c):

- (05) a. Banco do Estado do Rio de Janeiro (BANERJ)
 - Banco do Rio Grande do Sul (BANRISUL)
 - Banco do Estado de São Paulo (BANESPA)

b. Banco Brasileiro de Descontos (BRADESCO)²
Banco Mercantil e Industrial do Paraná (BAMERINDUS)

c. Fundo para Educação Básica (FUNDEB)
Ministério da Cultura (MinC)
Rio Turismo (RIOTUR)
Petróleo Brasileiro (PETROBRAS)

Com finalidade didática, associamos os tipos mistos de Sandmann (1989) ao fenômeno da acrossemia de Monteiro (1987), pois os dados fornecidos pelos autores guardam muitas semelhanças formais, mesmo com o custo de não necessariamente nos referirmos ao mesmo fenômeno. Outro processo de formação de palavras que nos interessa neste texto é o cruzamento vocabular (CV). O cruzamento vocabular é a fusão de duas bases, ou seja, ocorre

quando duas palavras, pertencentes ou não a mesma classe gramatical, se fundem num todo fonético, com um único acento, à semelhança de um composto formado por aglutinação, mas sem perder, contudo, os traços semânticos das formas de base que lhes deram origem. (ANDRADE, 2008, p. 17)

São exemplos desse processo palavras como a já consagrada *família* (< família + milícia) – uma vez que as duas palavras base, *família* e *milícia*, são mescladas em uma só palavra, mas sem deixar de remeter às palavras de origem – e a recentíssima *Queirozene* (< Queiroz + querosene), uma alusão “explosiva” à possível delação premiada do ex-assessor de Flávio Bolsonaro no caso das “rachadinhas”.

Na literatura sobre o português, o fenômeno é dividido em três grandes grupos, conforme descreve Gonçalves (2016). O primeiro deles, chamado de *entranhamento lexical*, ocorre quando há semelhança entre as bases, acarretando a fusão das duas palavras pela interposição de uma à

2 No site do banco (link *história*), o Banco Brasileiro de Descontos (Bradesco) foi fundado em 1943, em Marília, no interior de São Paulo.

outra. Dito de outra maneira, as bases são superpostas, fazendo com que sejam compartilhados segmentos entre elas, como em *tristemunho* (<triste + testemunho), *craquético* (<craque + caquético) e *escragiário* (<escravo + estagiário). Os segmentos sublinhados e em negrito indicam uma associação dupla, uma vez que são segmentos do produto final aproveitados tanto da primeira palavra-base quanto da segunda.

Já no segundo grupo, combinação truncada, são raros os casos em que há semelhança fônica. Quando as palavras não são do mesmo tamanho, a maior sofre redução e a menor se liga a ela, a exemplo de *futevôlei* (<futebol + vôlei). Quando, por outro lado, as duas bases apresentam número de segmentos semelhante, ocorre a redução em ambas, como em *portunhol* (<português + espanhol), *lambaeróbica* (<lambada + aeróbica) e *showmício* (<show + comício).

O terceiro grupo relacionado ao CV é a reanálise. Nesse caso, uma sequência fonológica de uma das palavras é interpretada morfologicamente e substituída. Gonçalves, Andrade e Almeida (2010) descrevem tais casos como substituições sublexicais (SSLs). Nas SSLs, uma palavra, por conta da relação formal e semântica que parte dela mantém com outra, é entendida como morfologicamente complexa e, conseqüentemente, reestruturada em função dessa identidade. Em *comemorar*, por exemplo, a primeira parte do verbo (*come*) é interpretada como se estruturasse a partir do radical de comer, já que comemorações remetem ao *frame* de festa: são eventos descontraídos em que normalmente se oferecem “comes e bebes”. A formação analógica *bebemorar* designa, expressivamente, uma situação de festejo regada à bebida. Partindo da revisão bibliográfica apresentada até então, será realizada, na próxima sessão, a análise dos dados.

Análise de dados: cruzamentos de antropônimos na formação de nomes de batismo

Pretendemos, nesta seção, refletir sobre o processo de formação dos antropônimos produzidos por meio de dois nomes de batismo. Começemos a análise pelos dados já listados na segunda sessão que, embora sejam poucos, demandam uma análise mais detalhada. Reapresentamos alguns prenomes em (06) para facilitar a descrição:

- (06) Martônio (Maria e Antônio)
Silvanir (Sílvio e Nair)
Edigênio (Edite e Eugênio)
Fredericindo (Frederico e Gumercendo)
Jomar (José e Maria)
Erlice (Ernesto e Alice)

Descritos por Monteiro (1987) como produtos da acrossemia, antropônimos como esses são muito diferentes entre si. Por exemplo, a estrutura do prenome Angerico (Ângela e Eurico) se enquadra na definição dada pelo autor de “combinação de sílabas”, uma vez que são aproveitadas as sílabas /an/ e /ge/ da primeira palavra-base (Ângela) e /ri/ e /co/, da segunda (Eurico). Esse exemplo difere substancialmente de casos de Jomar (José e Maria), uma vez que a porção aproveitada da segunda palavra base (Maria) é uma sílaba inteira (/ma/) mais apenas o *onset*³ da sílaba seguinte, um tepe (/r/), que, na nova sílaba criada, acaba promovendo a neutralização dos róticos, já que a produção varia espacialmente. (CAMARA JÚNIOR, 1969) O mesmo ocorre com os dados Martônio, Silvanir e Aguimar. Sendo assim, dizer que o processo combina sílabas das palavras-base é, de certa forma, inconsistente, uma vez que não dá conta de casos em que a integridade da sílaba nem sempre é preservada.

Esses casos aproximam-se de exemplos de cruzamento vocabular de nomes comuns como *abreijos* (< abraços + beijos) e *fabulástico* (< fabuloso + fantástico), em que, no produto final, uma sílaba não é mantida intacta. Em *abreijo*, por exemplo, a sílaba /bre/ parte do *onset* da segunda sílaba de *abraços* acrescida do núcleo da primeira sílaba de *beijos*. Em *fabulástico*, a terceira sílaba é o resultado do *onset* da sílaba /lo/ em *fabuloso* mais o núcleo e a coda de /tas/ em *fantástico*. Percebemos assim que, em termos de aproximação de processos de formação de palavras comuns, Martônio, Silvanir e Aguimar são mais bem compreendidos pela noção de cruzamento vocabular.

3 *Onset*, ou ataque silábico, é a posição de início da sílaba – a chamada posição de aclave, nos termos de Camara Júnior (1969), preenchida por elementos assilábicos – semivogais, soantes e consoantes.

Voltando à lista em (01), prenomes como Prodamor e Edeluz também são casos à parte. Primeiro porque apresentam três palavras-base, em vez de duas. Depois, são os únicos casos que não envolvem antropônimos nas bases, além de também se utilizarem de porções silábicas, não de sílabas inteiras – no caso de Prodamor (produto do amor), é aproveitado apenas o /d/ da segunda palavra-base – uma preposição. Por sua vez, na primeira sílaba da primeira base de Edeluz (espírito de Luz), o /s/ é dispensado e se aproveita somente a vogal da margem esquerda, o que deixa totalmente opaca a identificação com a base *espírito*.

Dada a estrutura desses dois últimos casos divergentes, identificamos suas bases como sintagmas nominais: *espírito de luz* e *produto do amor*. Esses dados parecem se assemelhar mais a exemplos como Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) e Departamento Nacional de Trânsito (Denatran). Dessa forma, configuram maior correspondência com processo de siglagem, definido por Gonçalves (2006, p. 225) como a “combinação das iniciais de um nome composto ou de uma expressão”, mais especificamente dos acrônimos, que são “siglas cuja combinação de letras possibilita pronunciar a nova forma como palavra comum na língua” (GONÇALVES, 2016, p. 73), como em UERJ. Nessas duas formas, o SPrep foi preservado – apesar da elisão em *damor* –, mas a primeira base é encurtada ao tamanho de uma sílaba (na primeira) e de uma letra (na segunda), o que as torna semelhantes a acrônimos. No entanto, Prodamor e Edeluz enquadram-se bem melhor na categoria tipos mistos de Sandmann (1989), já que nesses antropônimos ocorrem alguns fenômenos descritos por esse autor – os dois primeiros – ou observados por nós em seus dados:

- (a) Aproveitamento de uma palavra inteira;
- (b) Mistura de sílabas de com letras das bases no produto;
- (c) Desfeitura dos constituintes da sílaba;
- (d) Ressilabificação decorrente da combinação das partes aproveitadas;
- (e) Criação de produtos com três ou mais sílabas;
- (f) Opacidade em uma ou mais forma de base.

Vemos, então que, mesmo em um universo pequeno, de 11 dados, existe uma diferença estrutural considerável. Desse modo, ressaltamos a necessidade de tratá-los mais individualmente. Passemos, agora, para a observação da totalidade dos dados coletados em Silva (2019).

A formação de nomes de batismo: dados e análise

Para uma análise mais uniforme, estabelecemos três critérios para os dados constarem de nosso *corpus*: (I) as duas bases serem antroponímicas; (II) o produto final ser um prenome simples e (III) serem formados por um processo não concatenativo envolvendo as bases. Com esses requisitos, nosso *corpus* referente a nomes de batismo é constituído de 263 dados: 30 coletados da língua oral espontânea, frutos de nomes de que tomamos conhecimento ao longo dos anos de pesquisa, por intermédio de pessoas de nosso ciclo social; 14 dados extraídos de trabalhos anteriores; e 219 retirados da internet, em *sites* diversos, como o Yahoo respostas, a rede social Facebook e, principalmente, o *site* Baby Center.⁴

Muitos casos desse grupo foram originados pela combinação dos nomes dos pais do referente, como já citado. No entanto, nem todos os dados mesclam o nome dos pais. O caso de Eulana (< Eulália + Ana), por exemplo, surgiu como forma de prestigiar familiares, ao homenagear as duas avós. Em outros casos, ainda, a mescla é motivada pelo gosto de dois nomes distintos, que são unidos para formar um só, como o exemplo de Lucireny (< Lucia + Irene(y)). As motivações podem ser as mais variadas, mas o ponto principal de análise é a estrutura morfológica e fonológica desses dados.

O critério (III), foco de nosso trabalho, demanda muita cautela na análise, visto que é mais complexo identificar o processo morfológico formador de um antropônimo do que de um nome comum. Em primeiro lugar, justificamos essa dificuldade porque o conceito de morfema não pode ser

4 Esse *site* cria nomes “produzidos” pelos internautas, por causa de uma brincadeira de combinar palavras. Na verdade, não nomeia pessoas de verdade; cria possibilidades de nomes. Por esse motivo, utilizamos, neste trabalho, apenas aqueles dos quais tivemos certeza a existência, recorrendo a pesquisa na ferramenta *Google*.

empregado literalmente aos antropônimos, por causa do esvaziamento semântico que sofrem, como afirma Soledade (2012). Como, então afirmar se um antropônimo foi formado por derivação ou outro processo? E, em segundo lugar, porque existe um número bem menor de material sobre os processos de formação de antropônimos.

Como apresentado por Monteiro (1987), os antropônimos podem ser formados por sufixação, composição, derivação imprópria, entre outros dispositivos, cujas formações foram eliminadas do *corpus*, em prol de prevalecerem apenas os antropônimos formados por meio de processos não concatenativos.

Para identificar os antropônimos formados por sufixação, consultamos o trabalho de Soledade (2012), que lista e analisa uma série de sufixos de nomes personativos do português arcaico que se refletem no PB, tais como os seguintes:

- (07) *-a, -o, -am, -eiro, -eira, -el, -es, -ia, -ino, -ina, -inho, -inha, -nte, -ada, -asco, -dor, -estre, -inco, -nça, -ndo, -triz*

É certo que não é nosso objetivo acolher os prenomes formados por sufixação, mas não é por isso que excluiremos todo e qualquer prenome que tenha uma das terminações acima. Se assim o fosse, muitos cruzamentos de nomes comuns não seriam assim considerados por terminarem com sufixos recorrentes do português, tais como *fluminense* (< fluminense + mineiro), *globeleza* (< Globo + beleza), *horrorível* (< horroroso + terrível), *miserite* (< miséria + holerite) e *nepetismo* (< nepotismo + PT), cujas terminações equivalem aos sufixos *-eiro, -eza, -vel, -ite e -ismo*.

A presença desses sufixos não impossibilita a produção pelo cruzamento vocabular, pois é natural que esse mecanismo crie palavras por meio de outras duas já existentes, sejam elas primitivas ou derivadas. Por exemplo, na formação de *fluminense*, entendemos que não há sufixação de *-eiro*, mas mesclagem da base *fluminense* com a base *mineiro*. O mesmo ocorre com *globeleza*, *horrorível*, *miserite* e *nepetismo*, que não priorizam o sufixo no produto final, mas a base como um todo, que pode ou não apresentar sufixo.

Para identificar as formas compostas, por sua vez, levamos em consideração o mesmo trabalho de Soledade (2012), que descreve os elementos da composição como formas livres na língua, podendo, assim, ocorrer isoladamente, como Inês, Nalva, e Valdo, formativos da composição que geralmente aparecem na posição final do prenome. Além disso, esses elementos típicos de posição final podem ocorrer também em posição inicial – Inesalva, Valdomiro e Nalvalice. (SOLEDADE, 2012)

Para essa distinção, é importante ainda lembrar

que diferentes dos compostos, que tendem a preservar o conteúdo segmental das bases ('porta-luvas' e 'bóia-fria'), mesclas são caracterizadas pela interseção de palavras, de modo que é impossível recuperar, através de processos fonológicos como crase, elisão e haplogia, as sequências perdidas. (GONÇALVES, 2006, p. 224)

Assim sendo, exemplos como Maristela foram excluídos do *corpus*. De acordo com o *Dicionário de nomes próprios: significado dos nomes* (c2021), esse prenome é formado pela composição de *maris* e *stella*, com o significado de “estrela do mar”. A maneira como as bases foram aglutinadas caracteriza o processo de crase, visto que a primeira termina com /is/, mesma sequência fônica que inicia a segunda.

Quanto à distinção com a siglagem, a questão foi mais clara porque as siglas, mesmo os acrônimos, são caracterizadas por capturar as iniciais das bases, e, nos nossos dados, o padrão mais frequente (75%) foi caracterizado pela mescla da porção inicial da primeira palavra-base com a final da segunda, como nos seguintes casos:

- (08) Bremila (< Breno + Samila)
- Claudionor (< Cláudio + Leonor)
- Francinanda (< Francisco + Fernanda)
- Juliarcio (< Juliana + Márcio)
- Paucela (< Paulo + Marcela)
- Ziraldo (< Zizinha + Geraldo)

Os dados que misturam o início de ambas as bases perfazem apenas 22% do total, como podemos ver nos exemplos em (09), a seguir:

- (09) *Dailu* (< *Daianne* + *Lucas*)
Isape (< *Isabela* + *Pedro*)
Jomar (< *João* + *Maria*)
Letial (< *Leticia* + *Allan*)
Marcélia (< *Mário* + *Célia*)

Apenas cinco dados aproveitam o fim da primeira base com o início da segunda – Marelisa (< Osmar + Elisa), TonSol (< Milton + Solange), Thamar (< Samantha + Marcos), Geljo (< Angel + João) e Nicevo (< Genice + Ivo) – enquanto quatro fazem a junção de segmentos finais de ambas as bases: Cilael (< Priscila + Rafael), Faela (< Rafael + Priscila), Milael (< Camila + Michel) e Celyne (< Marcelo + Alyne). Mesmo não sendo a maioria, ainda temos 22% dos dados formados pelas iniciais das palavras-base. Como afirmar, então, se não formados pela siglagem (acrosssemia)? Ou como ter certeza se um determinado prenome é formado pela sufixação, composição, cruzamento vocabular ou outro mecanismo de expansão lexical? A resposta para essa pergunta é um tanto quanto complicada, visto que nem sempre há fronteiras bem delimitadas entre os processos; admitimos, então, um *continuum* entre eles.

No fenômeno da *shippagem*,⁵ mostramos, em Gonçalves e Silva (2021), haver um *continuum* do cruzamento vocabular à acronímia, passando

5 A *shippagem* é um fenômeno que, nos últimos tempos, vem se popularizado em grande escala, principalmente entre adolescentes nas redes sociais. A expressão constitui decalque do inglês *shipping*, que ganhou toque mais vernacular ao receber o sufixo *-agem*. Segundo Silva (2019, p. 27), o fenômeno se tornou tendência primeiramente na mídia americana, o que justifica a adoção do termo original em inglês. O verbo, por sua vez, provém do encurtamento de *relationship*, “relacionamento”, e logo foi aportuguesado como *shippar*, o que cria homofonia com o verbo criado a partir de *chip* – “pequena lâmina usada na construção de transistores” –, este grafado com <ch> e com um único <p>, como em “acabei de *chipar* meu celular”. Como expresso no *site* Significados, *shippar* é o “ato de torcer pelo envolvimento afetivo de alguém”, “[...] normalmente personagens de filmes, seriados, desenhos animados, histórias em quadrinhos, mangás etc.” (SIGNIFICADOS..., 2017) Assim, ao praticar a *shippagem*, o usuário da língua expressa seu desejo de que duas pessoas se envolvam em um relacionamento. Por exemplo, a torcida para que ficassem juntos Afonso e Amália, personagens

pelos hipocorísticos de nomes compostos (Calê, de Carlos + Alexandre). Essa falta de fronteiras rígidas entre os processos de formação também abrange os não concatenativos e pode ser feita com base no maior ou menor aproveitamento das formas de base, o que possibilita evocá-las com maior ou menor nitidez. A escala é apresentada em (10), a seguir, e pode ser estendida aos nomes de batismo.

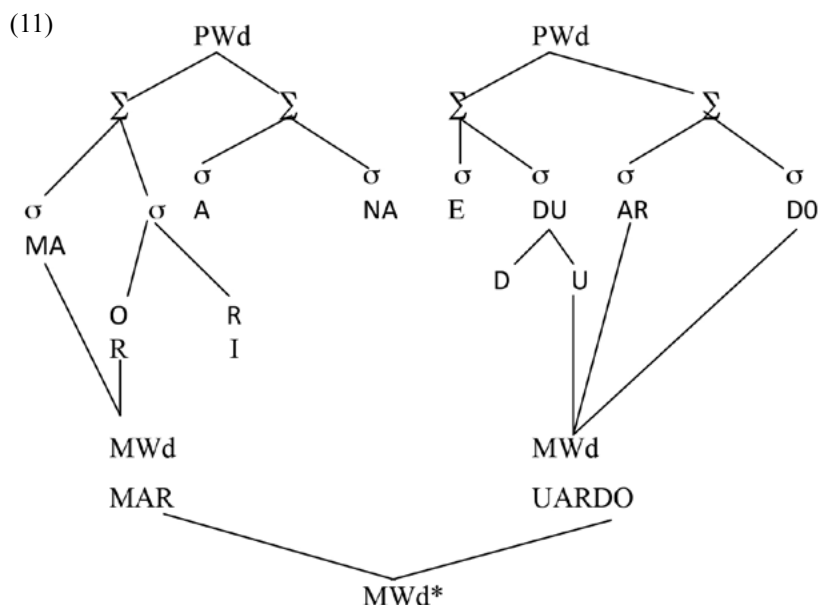
(10) Cruzamento vocabular >> hipocorização >> acronímia

A escala em (10) revela que a transparência também está associada ao aproveitamento das informações prosodicamente relevantes, como o acento e a formação dos pés métricos. (BECKMANN, 1998) Cruzamentos sempre são feitos preservando-se o acento lexical e a estrutura métrica da maior forma de base, garantindo, da menor, o maior número possível de segmentos. (GONÇALVES, 2006) Hipocorísticos fazem uso da margem esquerda e respeitam os limites da sílaba, formando pés métricos bem regulares (LIMA, 2008), o que possibilita evocar melhor as formas de base. No final da escala aparece a siglagem, cuja combinação de elementos nem sempre garante o acesso à expressão originária: todo falante sabe o que é CEP, mas será que saberia dizer a que se refere cada letra?

Analisemos agora os tipos pelos quais são formados os dados que entendemos ser frutos do cruzamento vocabular. A começar pelo padrão que se vale de margens diferentes das bases, são mais recorrentes os dados formados pela combinação truncada (164) que pela interposição lexical (33). O prenome Cachel (< Camila + Michel), por exemplo, não apresenta semelhança fônica entre as bases, bem como Maruado (< Mariana + Eduardo). Na representação a seguir, verificamos que a métrica de *Eduardo* é preservada – dois pés trocaicos –, tanto quanto o acento do produto de Mariana, a margem esquerda. Na formalização em (11), MWD faz referência à palavra morfológica – *morphological Word* – e MWD* à palavra morfológica complexa. O e R abreviam os constituintes silábicos *onset* e

centrais da novela “Deus salve o Rei”, exibida em 2017, resultou em *Afonsália*, cruzamento vocabular dos antropônimos que nomeiam o par romântico principal da novela. Pela *shippagem*, manifesta-se a expectativa de que uma união afetiva, real ou fictícia, concretize-se.

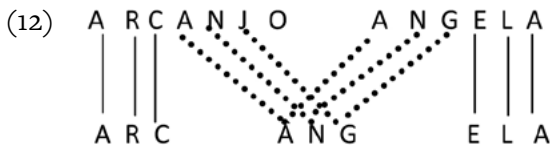
rima. Os símbolos σ e Σ referenciam as categorias prosódicas sílaba e pé, respectivamente.



Pelo que se expôs, a combinação truncada é o tipo de CV mais produtivo entre os cruzamentos de bases antroponímicas, uma vez que praticamente 80% dos nomes de batismo são formados por esse mecanismo. É interessante observar que essa porcentagem equivale ao que Gonçalves (2003, p. 827) descreve para a interposição lexical nos cruzamentos com nomes comuns: “80% dos cruzamentos vocabulares do português brasileiro são caracterizados pelo aproveitamento de pelo menos um segmento comum às palavras-matrizes”. Como não é função desse grupo atribuir qualidades aos referentes, recorreremos a Almeida e Gonçalves (2007) para explicar essa diferença radical. Os autores afirmam que os cruzamentos formados por combinação truncada são mais descritivos e menos avaliativos que os formados pela interposição lexical.

Observando agora os casos que se valem da margem esquerda das bases, verificamos 17 dados formados pela interposição lexical contra 40 formados pela combinação truncada. A semelhança detectada em

alguns dados da interposição lexical apresenta mais ou menos material em comum, que pode ser “sílabas, rimas ou até mesmo porções fônicas sem *status* próprio”. (ANDRADE, 2008, p. 194) Assim sendo, dados como Arcângela (< Arcanjo + Ângela) apresentam mais material compartilhado – um núcleo silábico e um *onset*, da sílaba seguinte – do que outros como Francisquelly (< Francisco + Quelly), cujo único segmento compartilhado é o *onset* /k/. A ambimorfemia – compartilhamento de material sonoro – é representada em (12), a seguir, em que linhas pontilhadas sinalizam segmentos idênticos no produto.



Palavras finais

A formação de palavras é uma área de grande significância e, como foi visto, demanda mais desenvolvimento no âmbito da antropônimo, ainda mais com o numeroso *corpus* neológico. Sendo assim, destacamos a notoriedade dos trabalhos anteriores a este que, mesmo sem detalhamentos estruturais, deram um pontapé inicial a essa questão. Durante o artigo, ressaltamos que a distinção entre os processos de formação de palavras nem sempre é clara, mas que algumas imprecisões são perceptíveis, como o conceito de acrossemia abrangendo dados muito divergentes entre si.

Entre os dados de cruzamento vocabular analisados, a porcentagem da combinação truncada (80%) foi muito superior à da interposição lexical (20%), o que vai de encontro à afirmação de Almeida e Gonçalves (2007), uma vez que os nomes de batismo são totalmente designativos por denominarem referentes, não os avaliando quanto à suas características.

De modo geral, apresentamos os antropônimos como uma classe de palavras em potencial. A grande quantidade de antropônimos neológicos já diz muito sobre a criatividade linguística do brasileiro, o que faz com que a produtividade dos dados esteja em constante movimento e

crescimento, aumentando o campo a ser explorado por estudos linguísticos. Outro aspecto inovador do trabalho – que merece ser revisto em estudos futuros – é a falta de limites precisos entre os processos não concatenativos, fato já bastante discutido em relação aos demais processos, sobretudo a composição e a derivação. (GONÇALVES; ANDRADE, 2012)

Referências

ABREU, K. N. M. de. *Um caso de morfologia improdutiva no português do Brasil: a formação de siglas e de acrônimos*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

ABREU, K. N. M. de. *Um estudo sobre as siglas do português do Brasil*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ABREU, K. N. M. de. Focalizando a Morfologia Improdutiva: um estudo sobre siglas. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 9/2, p. 9-26, dez. 2006.

ABREU, K. N. M. de; ROSA, M. C. Isso é uma palavra? *Revista da Abralin*, Sergipe, v. 5, n. 1-2, p. 113-130, dez. 2006.

ALMEIDA, M. L. L; GONÇALVES, C. A. V. Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v. 11, p. 75-85, 2007.

AMARAL, E. T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 63-82, 2011.

ANDRADE, K. E. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do Português do Brasil*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BECKMAN, J. N. *Positional faithfulness*. 1998. Dissertation (Doctor of Philosophy) - Graduate School of the University of Massachusetts Amherst, Amherst, 1998.

CAMARA JÚNIOR, J. M. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DICIONÁRIO de nomes próprios: significado dos nomes. [S. l.: s. n.], [c2021]. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>. Acesso em: 24 maio 2021.

GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formações de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá*, Niterói, n. 21, p. 219-241, sem. 2006.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición-derivación en portugués. *Linguística*, Ciudad del México, v. 28, p. 119-145, dic. 2012.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E.; ALMEIDA, M. L. L. de. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 64-82, dez. 2010.

GONÇALVES, C. A. V. Cruzamento vocabular em português: a questão das fronteiras com outros processos de formação. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 3.; CONGRESSO DA ABRALIN, 3., 2003, Niterói. *Anais [...]*. Niterói: UFF, 2003. v. 1. p. 824-831.

GONÇALVES, C. A. V.; SILVA, V. B. da. O fenômeno da shippagem na nomeação de casais: um novo emprego do cruzamento vocabular. *Revista do GEL*, São Paulo, 2021. No prelo.

LIMA, B. C. *A formação de ‘Dedé’ e ‘Malu’*: uma análise otimalista de dois padrões de Hipocorização. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

LIMA, B. C. *Realização fonética de acrônimos no português brasileiro*: uma abordagem morfofonológica através da Teoria da Otimalidade. 2014. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MONTEIRO, J. L. *morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 1987.

OBATA, R. Introdução. In: OBATA, R. *O livro dos nomes*. 13. ed. São Paulo: Nobel, 1986, p. 5-10.

PINHONI, M. Os nomes mais raros (e exclusivos) do Brasil. *Exame*, [s. l.], 21 out. 2013. Disponível em: <https://exame.com/brasil/os-nomes-mais-raros-e-exclusivos-do-brasil/>. Acesso em: 24 maio 2021.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1989.

SIGNIFICADO de shippar. *Significados*. [S. l.], 11 fev. 2017. Disponível em: <https://www.significados.com.br/shippar/>. Acesso em: 24 maio 2021.

SILVA, V. B. da. *O cruzamento vocabular formado por antropônimos: análise morfológica e fonológica*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SIMÕES NETO, N. A.; RODRIGUES, L. S. A neologia e os processos genolexicais em antropônimos brasileiros: um breve mapeamento de estudos realizados. *Mandinga: Revista de Estudos Linguísticos*, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 110-127, 2017.

SOLEDADE, J. A antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação de nomes personativos. In: LOBO, T. *et al.* (org.). *ROSAE: lingüística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: Edufba, 2012. p. 323-336.